

# Da selva

Já é possível ir de carro até o Caribe. De Manaus ao litoral da Venezuela, o percurso por

No início do  
percurso, matas  
densas e rios. No  
fim, o mar  
transparente.  
Entre uma e outra  
paisagem, muitas  
surpresas no único  
caminho por terra  
do Brasil para  
o Caribe

terra de 2 050 km traça um painel dos povos e cenários do norte da América Latina

# para o mar

por **KAIKE NANNE**, de Puerto La Cruz

## Era para ser uma rodovia de integração e desenvolvimento. Até hoje, boa parte mais parece pista de rali

“**D**e l'eau”, “bière”, “manger beaucoup”. A pronúncia até que não é das piores. Edson Santos, sorriso estalando quatro dentes de ouro, aprendeu a falar, em francês, água, cerveja e “comer muito”. “É tudo o que um sujeito precisa para sobreviver lá. Chega num bar, pede, e pronto”, diz esse cearense de 42 anos, ex-garimpeiro na Guiana Francesa. Aventureiro, Santos tomou o caminho de volta para o Brasil logo que identificou sinais de novas oportunidades às margens da BR-174, o primeiro e por enquanto único caminho por terra para o Caribe. Com 928 quilômetros, a estrada vai de Manaus à fronteira com a Venezuela, em Vila Pacaraima. É onde se conecta à Carretera Panamericana, que começa em Santa Elena de Uairén e depois de outros 1 122 quilômetros desemboca em Puerto La Cruz, a porta para as águas e ilhas caribenhas.

O trajeto todo, de 2 050 quilômetros, da selva amazônica para o mar anil, não é apenas uma rota que testemunha uma espetacular transmutação geográfica — da mata fechada, no Amazonas, aos campos naturais e tepuis de Roraima; da savana venezuelana ao mar anil. Tanto quanto os cenários que se formaram ao longo de milhões de anos, os rostos também vão mudando de canto a canto, e também a língua. Entre o português de um extremo ao castelhano do outro, há vários idiomas indígenas, a maioria da família Caribe, falados em aldeias de povos distintos.

A BR-174 ainda não ficou pronta, provavelmente esteja toda asfaltada daqui a quatro meses, mas o cearense Santos quer garantir desde já o seu quinhão. Com martelo, pregos e pedaços de pau, levantou o Bar Kennedy, homenagem ao neto recém-nascido. “Com essa tropa para dar de comer, o negócio tem de andar”, aposta. É uma tropa e tanto: três filhos do primeiro casamento, mais nove do primeiro casamento da mulher, um genro e o netinho. Contando ele próprio e a esposa, são de-

zesseis pessoas se espremendo nos dois cômodos nos fundos do bar.

Se as vendas de cachaça, latas de conserva, carne-seca e farinha não aumentarem como espera, Santos pretende avançar do Km 60, onde se apossou de meio hectare de terra às margens da BR depois de tocar fogo num pedaço de mata, para quem sabe até o Caribe. “Vou vender bugiganga na praia.” Enquanto saboreia um tatu guisado na casa de um novo amigo, num festivo almoço de domingo, Santos levanta os olhos, saudoso, e lembra que não vê o mar desde quando deixou o Ceará, há dezesseis anos. “Agora o mar está mais perto e dá para ir até lá de carro, né?” A viagem que um dia pensa em fazer, com toda a família encaixada, de carona, na carroceria de um caminhão, é a inversa daquela almejada por tantos outros sonhadores que estão no outro lado.

O segurança venezuelano Juan Sabino, por exemplo, mora numa favela em Puerto La Cruz, a 3 quilômetros da praia, e quer tentar a sorte em alguma cidade brasileira. A meio caminho entre a floresta e o Caribe, em Roraima, Uandy Rodrigues carrega pedras de 35 quilos para abastecer a prensa artesã-



Na região da Represa de Balbina proliferam-se novos investimentos em pecuária. Já são muitas as fazendas de gado.



Em Presidente Figueiredo, a cidade das cachoeiras, a estrada é um rasgo de asfalto na mata densa.



A metrópole da Amazônia, Manaus, é o ponto de partida da viagem para o Caribe. É aqui onde começa a BR-174.



Asfalto Terra

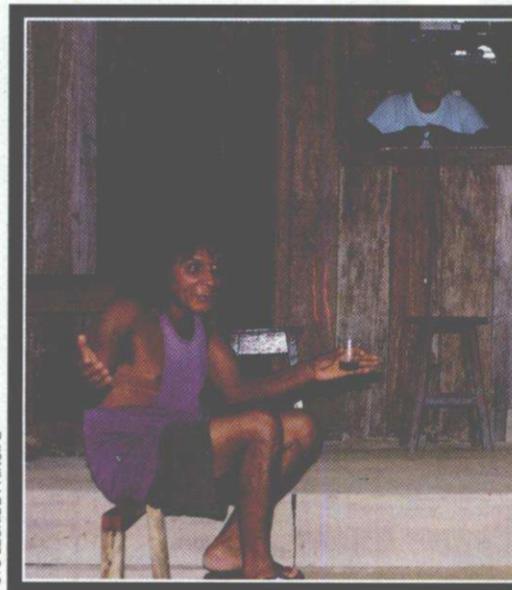
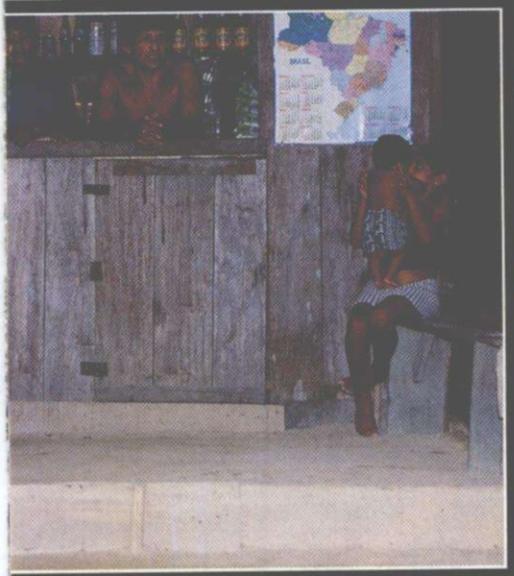


FOTO LEONIDE PRINCIPE

## BELEZAS E LUTAS

*O Refúgio do Maruaga, em Presidente Figueiredo, onde se escondia o cacique guerreiro dos uaimiris que lutou contra o Exército nos anos 70, e o ex-garimpeiro cearense Edson Santos no seu bar (abaixo, no balcão, à dir.): região bela de passado sangrento atrai hoje gente à procura de novas oportunidades.*





Terra Indígena  
Tabalaçcada  
Índios uapixanas

## À noite e de madrugada, uma parte da estrada é fechada. O tráfego cessa para os índios poderem caçar



Boa Vista

Com jeito de cidade de interior, Boa Vista, antiga capital do garimpo, é hoje a parada técnica de quem viaja pela BR-174.



Perto de Boa Vista, não muito distante da rodovia, a vastidão amazônica é pontuada por lagos e buritizais.

Caracarai

Vila Vista Alegre

RORAIMA

BRASIL

Novo Paraíso

Rio Anauá

Nova Colina

Rio Jauaperi

Sítio Natal

Linha do Equador

nal de mandioca e, se a própria sina insiste em acorrentá-la à terra e ao destino, a paixão por Leonardo Da Vinci e Picasso levam-na a se imaginar numa aula de História da Arte. Uandy, de 19 anos, quer estudar Artes Plásticas em Manaus. E há, é claro, aqueles que preferem ficar onde estão. Como os índios de várias tribos que viram a rodovia cortar suas terras, os empresários que investiram alto em fazendas de gado, os madeireiros sulistas com motosserras empunhadas, de prontidão para exterminar novas fatias de mata virgem.

A estrada que vai da floresta para o Caribe mexe com a vida de toda essa gente. Se ainda não é um corredor migratório, uma via econômica de alto flu-

xo ou uma rota turística importante, começa a dar sinais de que poderá tornar-se tudo isso. A pretensão é antiga. Há vinte anos, na sua inauguração, a BR-174 foi apresentada como o canal para o desbravamento da Amazônia e a integração com a Venezuela. "Rodovia Pioneira, entregue ao tráfego pelo Exmo. Sr. Presidente da República Ernesto Geisel. 6 de abril de 1977." É a inscrição na placa de bronze gasta, cravada num marco de pedra sobre a Linha do Equador, que passa perto do povoado de Sítio Natal, em Roraima.

A placa descerrada por Geisel marcou uma daquelas solenidades tão conhecidas do eleitor brasileiro. A estrada "entregue ao tráfego" era tão-somente um rasgo no meio do mato. Sem



Da Terra Indígena Uaimiri-Atroari até o povoado de Novo Paraíso, o trecho sem asfalto é bem apropriado para um enduro. A nuvem de poeira vermelha é permanente.



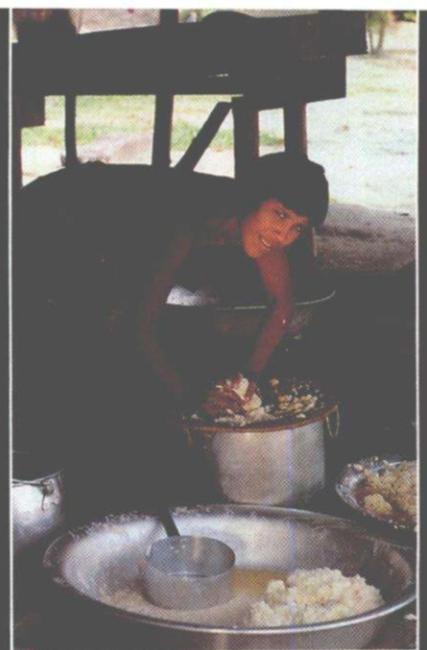
asfalto, estava mais apropriada para um rali do que para uma via de comércio. "Quinze anos atrás fiquei uma semana atolado. Quase não passava ninguém. Sorte que minha carga era de galinha e banana, e aí eu não passei fome", recorda o caminhoneiro amazonense Washington Souza, de 35 anos.

Os tempos de enduro radical ficaram para trás, mas a rodovia ainda não é nenhum tapete. Mais de 400 quilômetros continuam no chão batido. Boa parte na Terra Indígena Uaimiri-Atroari. Por conta de muitas mortes e sucessivos entraves políticos, o trecho que corta a reserva é o mais precário e só agora vem sendo terraplenado. Quando o Exército começou a rasgar a estrada, na década de 70, os índios, surpreendidos com a invasão, atacavam as máquinas à noite. "Eles achavam que os tratores eram monstros e, para que não enxergassem, arrebentavam o que supunham ser seus olhos, os faróis. Quando cla-

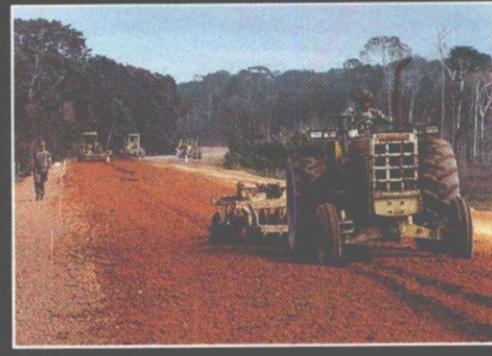
reava, escondidos na mata, ficavam impressionados com o fato de os tratores continuarem a se mover", conta o cacique Sawa Atroari, de 25 anos.

Mas não somente tratores foram atacados. O grande líder dos uaimiris na época, o cacique Maruaga, comandou um confronto sangrento com o Exército. Pelo menos 200 soldados morreram vítimas de flechas envenenadas. Foram bem mais violentas e numerosas, no entanto, as baixas do lado dos índios. Os militares contra-atacaram com furor e as estatísticas dimensionam a crueldade do genocídio. Os uaimiris eram 1 500 em 1974. Em 1986, quando a Funai finalmente conseguiu estabelecer um contato amistoso e iniciar um projeto social, restavam 374. Os índios falam até em ataques aéreos, nos quais bombas teriam sido atiradas sobre aldeias, mas não existe comprovação desses bombardeios.

A estrada que gerou o conflito é hoje a via de acesso ao Refúgio do Maruaga, a caverna onde se escondia o che-



FOTOS LEONIDE PRINCÍPE



## OS FILHOS DA PAZ

*Num território maior que o Estado de Sergipe, os uaimiris agora têm tranqüillidade. Como não estão mais em guerra com os construtores da estrada, deixaram de evitar filhos e a criança vem enchendo as aldeias. Por causa dos conflitos do passado, o trecho da BR-174 que corta a reserva ainda está no chão batido. Aos brancos, não é permitido entrar na floresta.*



## Novos colonizadores desembarcam nos povoados recém-fundados. Com motosserras e preconceitos na bagagem

fe indígena. O lugar é um dos mais visitados de Presidente Figueiredo, cidade já famosa por suas magníficas cachoeiras, a 107 quilômetros de Manaus. Depois de uma trilha de hora e meia na floresta, o Refúgio aparece com suas três imensas bocas, cada uma engolfando numa caverna. A maior, com quase meio quilômetro, é permanentemente forrada de morcegos. Talvez por isso os turistas preferam ficar do lado de fora, sob a queda-d'água de 28 metros.

Com um território demarcado de 2,5 milhões de hectares, entre o norte do Amazonas e o sul de Roraima, os uaimiris já contactados vivem em catorze aldeias, mantêm suas tradições milenares e falam a língua nativa. Como não precisam mais viver fugindo e sempre prontos para a guerra, deixaram de evitar filhos. O resultado é que em todas as aldeias a algazarra da meninada chega fácil a ouvidos distantes. A nova edição do "Crescei e multiplai-vos" elevou o censo populacional para 701 pessoas. Evidentemente, na reserva maior que o Estado de Sergipe, muitos grupos continuam sem contato com a Funai. Embora hoje legalmente protegidos, os uaimiris mantêm-se alertas. "Se alguém tentar invadir nossas terras, expulsamos com flechadas", avisa o cacique Sawa, que já feriu três garimpeiros e um pescador.

As dificuldades de negociação com esses índios de gênio forte atravancaram as obras da rodovia no trecho de 132 quilômetros que corta a reserva. Os uaimiris lutaram até o ano passado para se cercar de garantias contra invasores. Suas terras sofreram impacto de outros dois grandes projetos na década de 80 — a mineradora Pitinga, que explora cassiterita, e a hidrelétrica de Balbina — e eles não queriam ver reprisada a velha história de conflitos. O resultado é que foi firmado um acordo, segundo o qual é absolutamente proibido aos homens brancos entrar na floresta. Podem apenas transitar na rodovia e mesmo assim somente até as 6 da tarde, quando o blo-

queio militar fecha o trecho, para reabri-lo somente às 6 da manhã. "Os índios andam muito pela estrada à noite e durante a madrugada, em busca de caça. Se o tráfego fosse permitido nessas horas, não só os animais ficariam assustados como os índios poderiam ser atropelados", explica Ana Carla Bruno, de 25 anos, lingüista que estuda os uaimiris.

A floresta preservada do território indígena, farta em vida selvagem, contrasta com aquela já ameaçada por motosserras recém-chegadas. No povoado de Nova Colina, 87 quilômetros ao norte do limite da reserva, ainda no trecho precário da rodovia, a colonização acontece como nos tempos em que derrubar mata era sinal de progresso. "Nós tínhamos uma madeireira em Rondônia. Viemos para cá porque lá acabou a madeira. Aqui, se não der problema com o Ibama, vamos cortar o quanto for possível", diz Adriano Gessner, de 18 anos, filho do empresário paranaense Romano Gessner.

A exploração da floresta é de fato desordenada, mas não se deve imaginar que essa gente de pele e olhos claros só traz malefícios. Os desbravadores, na maioria sulistas, também geram empregos e se organizam para obter conquistas sociais, como escolas e hospitais, que acabam beneficiando toda a região. A bagagem que trouxeram, contudo, veio recheada de pre-



### VENEZUELA



Na Grande Savana, a Carretera Panamericana, que continua a rota para o Caribe, é bem pavimentada e farta em sinalização turística.

Parque Nacional de Canaima

As pequenas aldeias ingariçós estão nesta região de vastos vazios demográficos, em torno do Monte Roraima.

Monte Roraima  
Monte Caburái  
Kukenan  
Área Indígena Ingariçó

Santa Elena de Uairén

Vila Pacaraima

### RORAIMA

Área Indígena São Marcos  
Índios macuxis, uapixanas e taurepangs

Pedra Pintada

Depois de Boa Vista, a estrada passa perto dos campos naturais de Roraima e de montanhas e serras com recortes únicos, algumas revelando cenários lunares.

### BRASIL



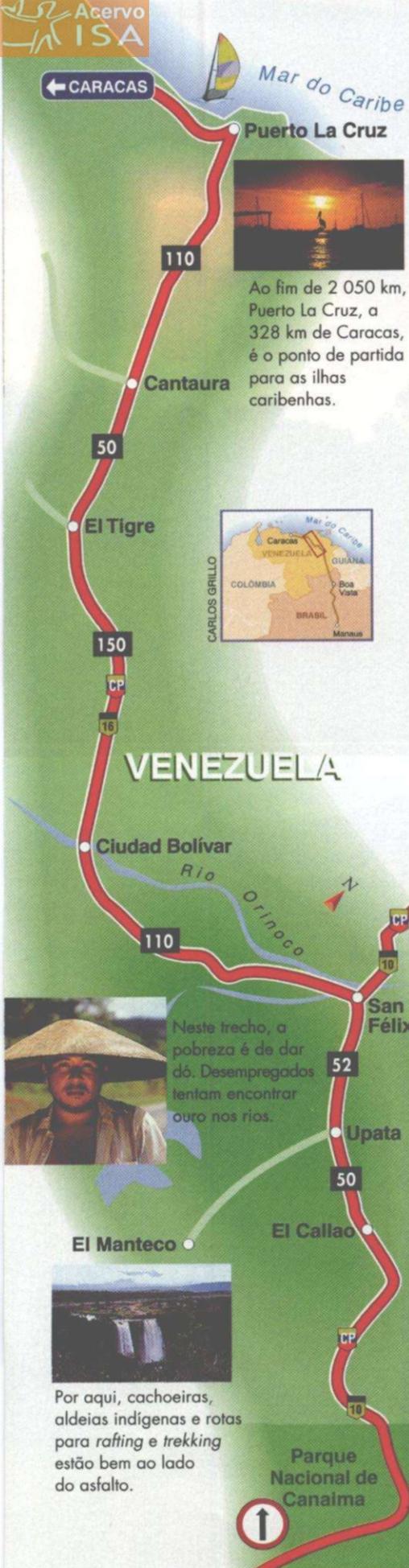
## PAISAGEM MULTIPLA

*A paisagem amazônica de Roraima é um fabuloso mosaico de platôs, lagos, planícies, serras e praias, como as do Rio Branco (acima). Nos campos naturais, outra particularidade da região, há preciosidades arqueológicas, como a Pedra Pintada, com inscrições rupestres feitas pelos antigos homens caribenhos, e os enigmáticos desenhos de gametas na aldeia Ingaricó de Sauaparu (ao lado), jamais vistos pelos pesquisadores.*

FOTOS LEONIDE PRINCÍPE



# O viajante hospeda-se numa maloca, ao lado da aldeia. Os índios venezuelanos viraram empresários do turismo



Ao fim de 2 050 km, Puerto La Cruz, a 328 km de Caracas, é o ponto de partida para as ilhas caribenhas.



VENEZUELA



Neste trecho, a pobreza é de dar dó. Desempregados tentam encontrar ouro nos rios.



Por aqui, cachoeiras, aldeias indígenas e rotas para rafting e trekking estão bem ao lado do asfalto.

conceitos culturais. “Até que arrumei uma namorada cabocla, daqui mesmo, mas quando chegar a hora de casar eu vou passar umas férias no Paraná para encontrar alguém. Para casar, tem de ser com uma coisinha melhor, né?”, diz Adriano, que nasceu em Rondônia, mas raciocina como sulista. Idéias como essa predominam entre os colonizadores. Os caboclos nativos, descendentes de nordestinos e índios, são vistos como mão-de-obra barata porém vagarosa, cidadãos de segunda classe.

No que pese essas diferenças culturais, a por ora tímida ocupação ao longo da rodovia vem ocorrendo com relativa eqüidade. É claro que há latifúndios, como o do Bamerindus, perto de Boa Vista, em Roraima, com 120 mil hectares e 35 mil cabeças de gado. Mas também têm espaço fazendeiros médios e mesmo colonos, ex-sem-terra, agora fixados em pequenos vilarejos ao lado de roças, casas de farinha e inevitavelmente um salão de forró e uma igreja de madeira. Ressalte-se que os conflitos de terra no Amazonas e em Roraima nunca foram tão violentos como aqueles do Pará e Rondônia, Estados latifundiarizados e portanto mais sujeitos a confrontos entre enxadas e rifles.

Os casebres de taipa abandonados que aparecem aqui e acolá não são marcos da expulsão de antigos posseiros, que na verdade abandonaram a região nas décadas passadas por causa da falta de infra-estrutura. “Sem água encanada e sem luz, até dava para ir levando. Mas a estrada, que o governo dizia estar em boas condições, era um lamaceiro que só vendo! Como é que eu podia plantar banana para vender se não passava ninguém por aqui?”, conta Sebastião Garcia, de 45 anos, lavrador que em 1982, frustrado, largou a casa em Vila Novo Paraíso — onde hoje recomeça o asfalto da rodovia — e voltou no ano passado, mais confiante.

Muitos dos camponeses desiludidos partiram para Boa Vista, a antiga capital do garimpo. Com jeito de cidade

de interior, a capital de Roraima, inevitável parada técnica para quem viaja pela BR-174, chegou a ter em alguns períodos dos anos 60 e 70 o aeroporto mais movimentado do país. O ouro dos garimpos impulsionava não só o tráfego aéreo, mas também a economia de toda a cidade. Da fase áurea, resta na principal praça o Monumento ao Garimpeiro.

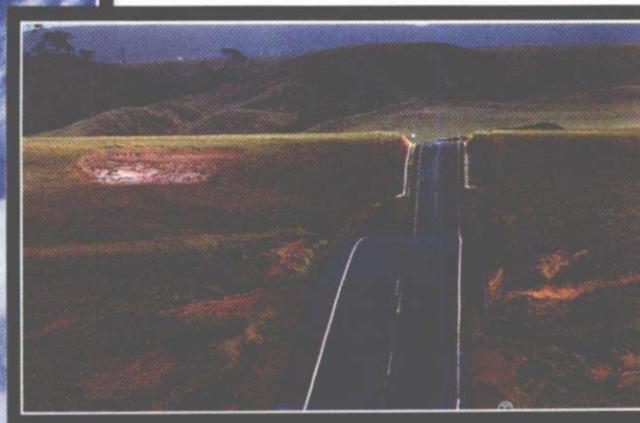
A partir de Boa Vista, a Amazônia que se esparrama nesse extremo norte do país é de uma admirável variedade. Esculpida num longínquo passado geológico e receptiva à ação dos ventos oceânicos, por estar mais próxima do mar, pouco tem a ver com aquela homogeneidade de matas densas e rios largos que predomina no Amazonas. A paisagem amazônica de Roraima tem vastos campos verdes, onde perambulam tamanduás, antas e cavalos selvagens; montanhas cobertas de vegetação rasteira e aveludada que compõem um cenário lunar; lagos cercados de buritizais; bolsões de floresta no meio de serras de recortes únicos; imensas cachoeiras que formam rios cujas águas correm sobre um leito de jaspe; e os majestosos tepuis.

Formados entre 1,8 bilhão e 20 milhões de anos atrás, quando a Terra ainda se mexia, agitada, para definir onde ficariam continentes e oceanos, os tepuis são um precioso objeto de estudo científico. O movimento da chamada placa continental criou fraturas e elevações na rocha arenítica, numa espécie de erupção de acne na pele do planeta. As “espinhas” que apareceram são esses tepuis, enormes blocos de camadas areníticas horizontais, de paredões abruptos e relevo plano no topo. No processo de formação, os tepuis levaram consigo, para as alturas, espécies vegetais e traços geológicos de épocas remotas.

O mais alto dos platôs, o Monte Roraima, a 2 875 metros acima do nível do mar, abriga pelo menos 400 tipos de bromélias e mais de 2 mil espécies de flores e samambaias, muitas delas en-

## NATUREZA PRIMITIVA

*A bem pavimentada Carretera Panamericana (no alto, à dir.) vira uma autêntica estrada turística no trecho em que corta a Grande Savana venezuelana. Da rodovia, parte-se para trekkings a lugares de natureza primitiva, como o gigantesco tepui Kukenan, e às margens dela há alojamentos em aldeias indígenas, como o Campamento Kama Meru (abaixo). Nesses lugares, os viajantes convivem com a cultura nativa.*



dêmicas, além do Vale dos Cristais, onde reluzem aglomerados de quartzo. Se para os cientistas é um prato cheio a oportunidade de radiografar um fragmento do planeta primitivo, para os índios da região o Monte Roraima, onde fica a fronteira tríplice entre Brasil, Venezuela e Guiana, tem um significado místico. “É lá onde mora Macunaima, o deus das tribos da família Caribe, e nós somos os guardiões do monte”, diz Magadam, de 31 anos, o único índio ingaricó que fala português numa aldeia aos pés do Roraima.

Os antepassados dos ingaricós deixaram nas rochas da região curiosos registros pré-históricos, a maioria deles ainda incógnitos à Arqueologia. Na aldeia de Sauaparu, por exemplo, no Vale do Rio Cotingo, os desenhos de gametas nas pedras nunca foram vistos por nenhum estudioso. O sítio arqueológico mais analisado é o de acesso mais fácil, o da Pedra Pintada, a 12 quilômetros da BR-174. Com 60 metros de diâmetro e quase 40 de altura, a pedra exhibe pinturas rupestres vermelhas do lado de fora e, dentro, na caverna de 12 metros, várias outras inscrições que remontam aos primórdios do homem caribenho.

Os 23 sítios arqueológicos pesquisados nos vales dos rios Uraricoera e Tacutu estão produzindo montes de informações sobre a ocupação pré-histórica da Amazônia. Mas há muitos outros sítios que nem sequer foram catalogados. Essa é uma parte da fabulosa riqueza da região dos campos naturais de Roraima. Num passado distante coberta por um enorme lago, a área que hoje ocupa um quarto do território do Estado é fertilíssima. A agri-



cultura, ainda incipiente — existem poucas fazendas de arroz —, tem muito o que expandir.

Os horizontes sem fim de Roraima, pontuados por platôs e serras, continuam para além da fronteira com a Venezuela, em Santa Elena de Uairén. É o fim da BR-174 e o início da Carretera Panamericana 10, a estrada venezuelana que continua a rota para o Caribe. Pequena cidade de intenso movimento comercial, Santa Elena é a porta de entrada para a Grande Savana, a designação local para a paisagem irmã dos campos naturais de Roraima. É em Santa Elena onde os viajantes podem alugar jipes, comprar pacotes turísticos ou ingressar em expedições, como um *rafting* por rios de corredeiras velozes ou um *trekking* de uma semana no Kukenan, o grandioso tepui vizinho ao Monte Roraima.

Na Venezuela, a infra-estrutura é bem mais avançada. A estrada foi aberta em 1973 e toda asfaltada há seis anos. A sinalização é eficiente, com indicações dos principais pontos turísticos e, ao contrário do Brasil, o viajante não tem dificuldades para encontrar um lugar onde dormir. No Parque Nacional de Canaima, que protege a Grande Savana e uma faixa de floresta a oeste, há vários alojamentos administrados por índios pémons e arecunas às margens da rodovia.

Foi singular a solução venezuelana para seus índios. Quando o parque nacional começou a se tornar um destino turístico conhecido nos Estados Unidos e na Europa, com o inevitável aumento do número de visitantes, o governo negociou com os nativos uma saída empresarial. É como se, no Brasil, a causa indígena fosse entregue não à Funai, mas ao Sebrae, a instituição que apóia as pequenas empresas. Aconteceu o seguinte: o Estado entrou com o financiamento para pequenos empreendimentos e os índios com mão-de-obra. E aí, perto de algumas aldeias, foram construídas malocas com o conforto mínimo para receber turistas. Em troca, os índios pagam ao governo uma taxa camarada por mês e um imposto anual.

“Aqui você dorme, come bem, pode conhecer um pouco da nossa cultura e gasta muito pouco”, propaganda o

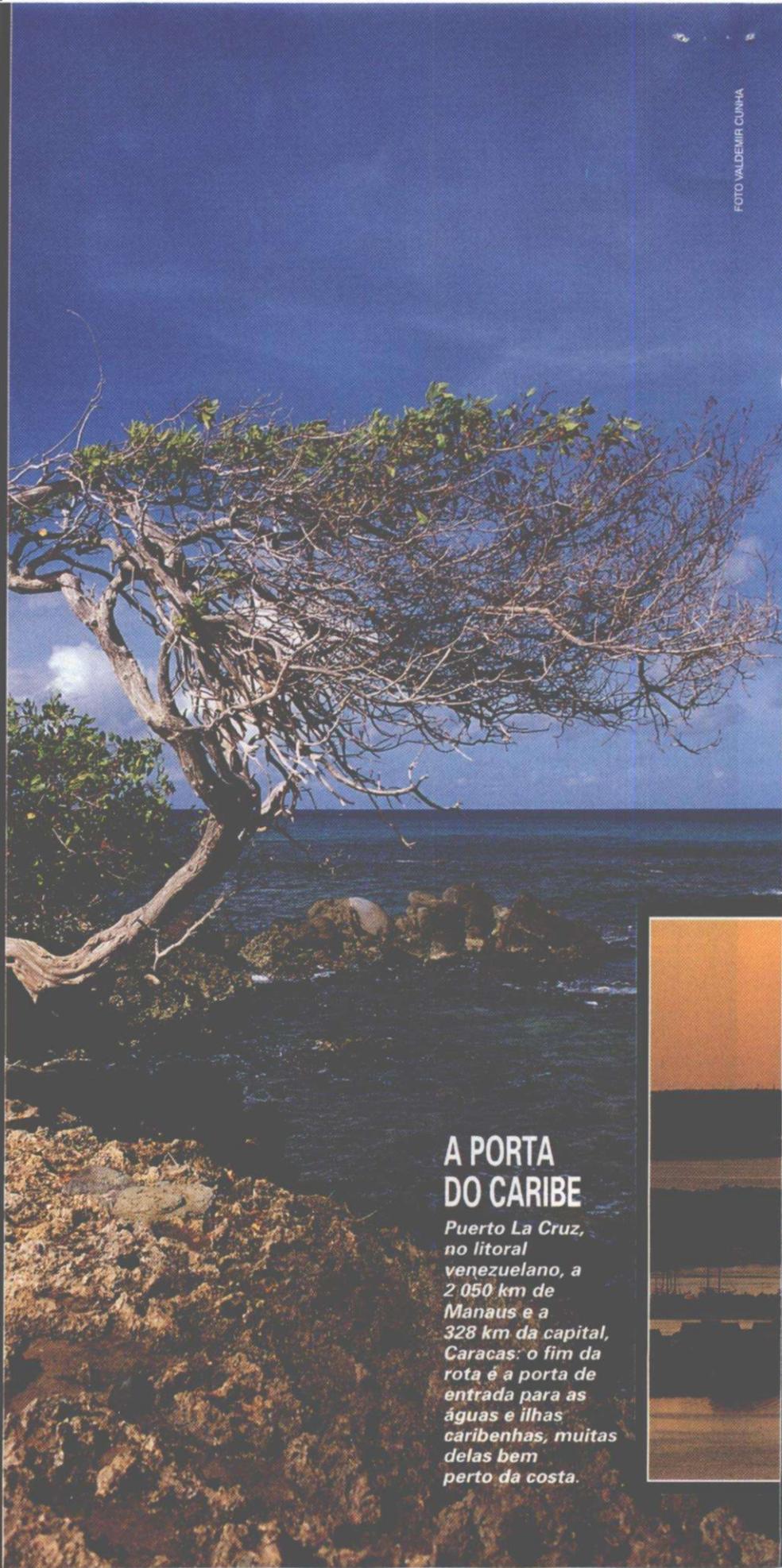


FOTO VALDEMIR CUNHA

## A PORTA DO CARIBE

*Puerto La Cruz, no litoral venezuelano, a 2 050 km de Manaus e a 328 km da capital, Caracas: o fim da rota é a porta de entrada para as águas e ilhas caribenhas, muitas delas bem perto da costa.*



## Apesar da instabilidade econômica, a Venezuela é uma parceira comercial sob medida para a Amazônia brasileira

Índio arecuna José Miguel Master, de 25 anos, cuja família administra o Campamento Kama Meru, ao lado de uma esplêndida queda-d'água, no quilômetro 201,5 da Carretera Panamericana 10. Para jantar, passar a noite e tomar o café da manhã no dia seguinte, um casal gasta o equivalente a 25 reais.

Com renda própria, os arecunas e pémons passeiam de carro, suas crianças vão de bicicleta para as escolas, todas uniformizadas, e não lhes falta hospital. Quem vê não imagina que nas festas eles continuam comendo, como seus ancestrais, um prato muito especial: lapa cozido num caldo de pimenta, acompanhado de iúca, um molho com formigas vermelhas vivas. Lapa vem a ser um roedor graúdo protegido por lei ambientalista por sofrer risco de extinção. Só pode ser caçado por índios.

Quando se deixa o Parque Nacional de Canaima em direção ao mar, tem-se a impressão de que, na Venezuela, os índios é que estão bem, ao contrá-

rio da maioria da população. Depois da porção de montanhas forradas de selva que fica entre a Grande Savana e a planície mais próxima do litoral, a sucessão de favelas é decepcionante. Barracos de lata, gente miserável, crianças barrigudas, esgoto a céu aberto. Mais tarde, nas grandes cidades que vão aparecendo cada vez que o mar fica mais perto — como San Félix, Ciudad Bolívar e El Tigre —, a cena social é de extrema desigualdade, com favelas vizinhas das fortalezas dos condomínios fechados. Até Puerto La Cruz, a 328 quilômetros de Caracas e ponto final da viagem por terra, a cidade caribenha de onde se parte de barco para ilhas como La Tortuga e Los Roques (veja a próxima reportagem desta edição), ficam escancarados os problemas de “um país rico, porém injusto”. (Alguma semelhança com uma realidade já bastante conhecida?)

Movida a petróleo, a Venezuela enfrenta uma inflação de 100% ao ano e ciclônicas tormentas políticas. É, apesar disso, uma parceira sob medida para a Amazônia brasileira. A Venezuela produz ferro, aço e resina, enquanto as indústrias da Zona Franca de Manaus fabricam eletroeletrônicos, motos e bicicletas. O comércio bilateral, que movimentou no ano passado 15 bilhões de dólares, só tende a crescer. E o país vizinho aparece como um estratégico porto de embarque para as exportações amazonenses. Quando estiver totalmente pavimentada, a BR-174 vai ser a principal via desse comércio. Será também, junto com a Carretera Panamericana, a rota para a descoberta das peculiaridades da natureza e do formidável mosaico social dos povos do norte da América Latina.

### PARA IR MAIS LONGE

**Guia Vial de Venezuela**, guia turístico com detalhados mapas de estradas, editado por Miro Popic, P.O. Box. 89703, El Hatillo, Caracas 1083-A, Venezuela.

## guia da TERRA

**ONDE É** - A BR-174 começa em Manaus (AM), passa por Boa Vista (RR) e termina em Vila Pacaraima (RR), na fronteira com a Venezuela. A partir de Santa Elena de Uairén, já no país vizinho, a rodovia ganha o nome de Carretera Panamericana. É por essa via que se chega a Puerto La Cruz, no Caribe. O percurso todo, da selva para o mar, dá 2 050 km.

**COMO CHEGAR** - Em Manaus ou Caracas (que fica a 328 quilômetros de Puerto La Cruz) de avião, pelas companhias nacionais ou pela venezuelana Viasa, mais barata. Fazer a viagem em carro alugado é uma tremenda complicação. Pelo seguinte: sai stupidamente caro alugar um automóvel em Manaus e devolver em Caracas, ou vice-versa. Pilotando o próprio carro, o viajante será obrigado a aturar a burocracia. No consulado venezuelano da sua cidade, terá de autenticar cópias dos documentos do veículo. Também no consulado o turista precisa providenciar o visto de entrada na Venezuela. O melhor é ir de Manaus à fronteira de carona com os caminhoneiros e em Santa Elena de Uairén alugar um carro para seguir até o Caribe. O automóvel pode ser devolvido em Caracas, sem dificuldades.

**O QUE VER** - 1) As cachoeiras de Presidente Figueiredo; 2) as aldeias uaimiris (é preciso autorização da Funai); 3) as praias do Rio Branco; 4) os campos naturais e a Pedra Pintada, em Roraima; 5) os tepuis, de acesso mais fácil a partir de Santa Elena de Uairén; 6) as cachoeiras e aldeias pémons e arecunas da Grande Savana.

**ONDE FICAR** - No trecho brasileiro, pelo menos nos povoados, o jeito é acampar ou se hospedar nas pensões onde ficam os caminhoneiros. No lado venezuelano, há malocas para turistas junto às aldeias indígenas. Não tem luz nem água encanada, mas não chega a ser um problema. Velas não faltam e tem sempre uma cachoeira por perto. Além disso, esses alojamentos oferecem dormida confortável e boa comida a preços irrisórios.

**DICA DO AUTOR** - “Aproveite a oportunidade para conhecer o Salto Angel, a maior queda-d'água do mundo, com 980 metros, o equivalente a um improvável edifício de 326 andares. A cachoeira, que escorre de um tepui, fica no Parque Nacional de Canaima, e chega-se ao local depois de duas horas de voo a partir de Santa Elena de Uairén.”

Kaïke Nanne

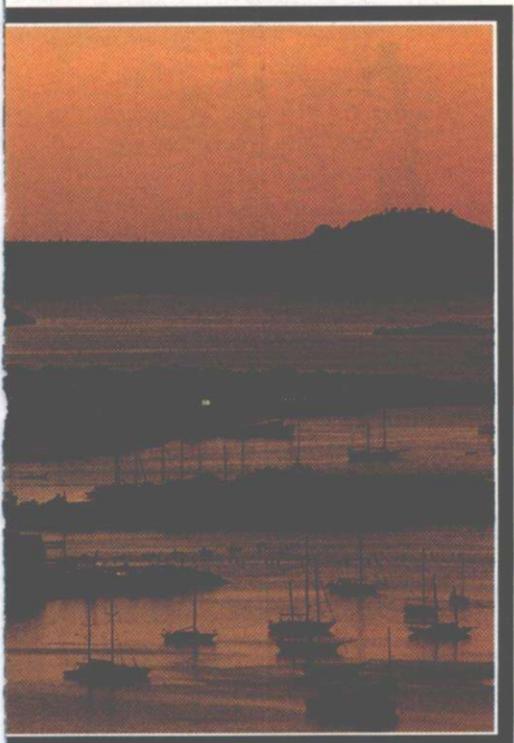


FOTO LEONIDE PRINCIPLE

